

ETNOGRAFIA MULTIESPÉCIES DE UM PROJETO DE REINTRODUÇÃO DE ARARAJUBAS (GUARUBA GUAROUBA) NA METRÓPOLE AMAZÔNICA (BELÉM-PA)
MULTISPECIES ETHNOGRAPHY OF A PROJECT FOR THE REINTRODUCTION OF ARARAJUBAS (GUARUBA GUAROUBA) IN THE AMAZONIAN METROPOLIS (BELÉM/PA)

Matheus Henrique Pereira da Silva

matheusk11@hotmail.com

Mestre em Sociologia e Antropologia (Ênfase) pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia na Universidade Federal do Pará (PPGSA-UFPA).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7777-4675>

Cícero Pedrosa Neto

pedrosanetophoto@gmail.com

Mestrando em Sociologia e Antropologia (Ênfase) pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia na Universidade Federal do Pará (PPGSA-UFPA)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8603-1446>

Flávio Leonel Abreu da Silveira

flabreu@ufpa.br

Professor Associado II da Universidade Federal do Pará

Docente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA-UFPA). Pesquisador do CNPq

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9421-5966>



Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.

RESUMO

Este artigo apresenta dados referentes a uma pesquisa etnográfica multiespecífica em andamento realizada no Parque Estadual do Utinga (PEUt), localizado na região metropolitana de Belém (PA), na Amazônia oriental brasileira. O Parque em questão é uma Unidade de Conservação Estadual criada com o objetivo de contribuir para a conservação dos ecossistemas naturais amazônicos de grande relevância ecológica e beleza cênica, além de estimular a pesquisa científica e atividades relacionadas à Educação Ambiental e turismo ecológico. Dessa maneira, buscamos descrever os emaranhamentos aviários relacionados ao projeto “Reintrodução e Monitoramento de Ararajubas (*Guarouba guarouba*) em Unidades de Conservação da Região Metropolitana de Belém”.

a partir das relações entre a avifauna e o biólogo responsável pelo seu manejo técnico, alimentação, asselvajamento e outros cuidados diários, além de repensarmos as agências da vida humana, neste caso, simultaneamente, à causa central dessas extinções e agentes de conservação das espécies situados no contexto de coextinções em níveis globais e locais. As estratégias e práticas de conservação e reintrodução da espécie no PEUt se relacionam à cocriação de mundos multiespécies, bem como permitem repensar as relações e os sentidos entre natureza e cultura (o sentido da extinção e da vida das aves junto aos humanos) em suas dimensões éticas e o futuro da vida das espécies na Amazônia.

Palavras-chave: reintrodução; avifauna; unidade de conservação.

ABSTRACT

This article presents data regarding an ongoing ethnographic multispecific research in the state park of Utinga (PEUt), localized in the main areas of Belém (PA), in the eastern Brazilian Amazon. The mentioned park is a unit of conservation of the state, created aiming at the conservation of the ecologically and scenically relevant natural Amazonian ecosystems, as well as the stimulation of scientific research, environmental education, and ecotourism related activities. We intend to describe the aviary entanglement related to the project “Reintroduction and Monitoring of Ararajubas (*Guarouba guarouba*) in the Units of Conservation in the Belém Metropolis”, based on the relationship between the avifauna and the biologist responsible for its technical management, feeding, savaging and other daily care, in addition to rethinking the agencies of human life in this case, simultaneously to the central cause of these extinctions and conservation agents of the species located in the context of co-extinctions at global and local levels. The strategies and practices of conservation and reintroduction of the species in the PEUt are related to the co-creation of multispecies worlds, as well as allowing to rethink the relationships and the meanings between nature and culture (the meaning of the extinction and the life of birds with humans) in its ethical dimensions and the future life of species in the Amazon.

Key-words: reintroduction; birdlife; conservation unit.

O PARQUE ESTADUAL DO UTINGA (PEUT) NO CONTEXTO BELENENSE

A Floresta Amazônica é uma região de grande biodiversidade no planeta e revela-se importante no cenário em torno da conservação da natureza e controle do aquecimento global. Sabe-se que a biodiversidade não é homoganeamente distribuída na região, mas concentrada em áreas de endemismo que variam em tamanho, grau de desmatamento e

pressão humana (FEARNSIDE, 2005; GARDA *et al.*, 2010). Uma área de endemismo é, por sua vez, um determinado espaço geográfico definido pela coincidência quase total das distribuições geográficas de duas ou mais espécies que não ocorrem em nenhuma outra parte do planeta, sendo por isso a base para a formulação de hipóteses sobre os processos responsáveis pela formação da biota regional (SILVA *et al.*, 2005).

O Parque Estadual do Utinga (PEUt) é uma Unidade de Conservação (UC) localizada na Região Metropolitana de Belém, mais precisamente no bairro do Curió-Utinga, inserida no chamado Centro de Endemismo Belém. A área apresenta uma rica biodiversidade em meio urbano e fica próxima de outras áreas de conservação na região: Área de Proteção Ambiental (APA) da Região Metropolitana de Belém, APA do Combú, Refúgio de Vida Silvestre, situada na Alça Viária, e APA do Abacatal, em Ananindeua.

Segundo o decreto estadual nº 1.552, de 3 de maio de 1993, o PEUt foi criado objetivando a conservação de ecossistemas naturais amazônicos de grande relevância ecológica e beleza cênica, além de contribuir para o estímulo à pesquisa científica e ao desenvolvimento de atividades relacionadas à Educação Ambiental e turismo ecológico. Um dos focos principais do PEUt é o de assegurar a potabilidade da água por meio do manejo dos mananciais e da recuperação das áreas degradadas de maneira a ampliar a vida útil dos lagos Bolonha e Água Preta, responsáveis por 70% do abastecimento de água da região metropolitana de Belém, que inclui os municípios de Ananindeua, Marituba, Benevides e Santa Bárbara¹.

No Parque são desenvolvidas várias pesquisas científicas de modo que, desde 2017, se encontra alocado o Programa de Reintrodução e Monitoramento de Ararajubas (*Guaruba guarouba*) em Unidades de Conservação da Região Metropolitana de Belém, sendo desenvolvido pelo Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará (Ideflor-bio) e pela Fundação Lymington, de São Paulo, que trouxeram o primeiro grupo de aves no dia 7 de agosto de 2017, quando foram instalados dois viveiros de ambientação na área.

O programa objetiva a reinserção dos animais em seus habitats naturais, visto que as aves são consideradas extintas na região metropolitana de Belém, tendo desaparecido desde as décadas de 40 e 50 do século passado, fato atribuídos à expansão urbana, ao desmatamento e ao comércio ilegal de animais silvestres (LARANJEIRAS, 2008). Hoje, a ocorrência de ararajubas se dá em áreas restritas dos estados do Maranhão, do Pará e do Amazonas.

As aves, inicialmente, passam por processos de criação e asselvajamento em viveiros no PEUt e depois são reintroduzidas em bandos, na área aberta do Parque. Durante o processo de reintrodução, as aves recebem um manejo criterioso efetuado por profissionais do campo das ciências biológicas, buscando o desenvolvimento de suas habilidades,

considerando as condições locais e preparando-as para que sobrevivam após a soltura. Segundo explicou Nívia Pereira², gerente de Biodiversidade do Ideflor-bio:

Para que a reintrodução aconteça devemos determinar as estratégias de soltura, como a adaptação das espécies ao ambiente, treinamento comportamental, número de indivíduos, viveiros de reabilitação e escolhas de melhor pareamento genético em cativeiro para aumento da população.

Há necessidade da observação de alguns parâmetros para que a soltura se efetive, tais como: as aves devem estar em ótimas condições de saúde, alimentando-se normalmente, apresentando bom desempenho de voo – e, por isso, com o empenamento completo nas asas e boa plumagem no corpo –, além de reconhecerem bem os alimentos disponíveis no ambiente e os predadores. A partir dos processos de soltura no PEUt, terá início a etapa de monitoramento das aves livres, momento em que os indivíduos são observados e a capacidade de viverem dos animais às novas condições avaliadas.

Neste artigo tratamos de uma pesquisa etnográfica multiespecífica acerca dos emaranhamentos aviários (HARAWAY, 2008; KIRKSEY, HELMREICH, 2010; SODIKOFF, 2012; VAN DOOREN, 2014), ao abordarmos as formas naturais e culturais de coviver e morrer no mundo, problematizando os encontros e os modos de vida das espécies junto aos humanos em contextos locais e globais de extinção. A perda de espécies pode ser entendida e narrada de maneira que as envolve significativamente em termos éticos, afetivos e socioecológicos. Atualmente, há a intensificação de extinções de espécies em diversos contextos, sobretudo vertebrados, como mamíferos e aves, em que se evidencia o papel da agência humana como causa efetiva nestes processos, o que ficou caracterizado como *Antropoceno*³ (CHAKRABARTY, 2009), uma marcação histórica, geológica e social dos impactos biofísicos das ações humanas no planeta em escala temporal ampla.

Aqui o que está em jogo é a reintrodução, a precariedade e o florescimento da vida, e também o próprio desaparecimento das aves, o que nos leva a pensar nos diversos significados da extinção e da vida das espécies (VAN DOOREN, 2014) a partir de duas questões iniciais: qual o significado do desaparecimento da espécie na região? Como podemos repensar as agências da vida humana neste caso, simultaneamente, à causa central dessas extinções locais e agentes de conservação das espécies?

Dessa forma, buscamos acompanhar a avifauna e o biólogo responsável pelo seu manejo técnico, alimentação, asselvajamento, controle de reprodução e outros cuidados, além das relações com outras espécies na paisagem. Por meio de tais práticas (*Worlding*) são cocriados mundos multiespecíficos (HARAWAY, 2016), em que as aves emergem junto a uma série de agentes inter-relacionados, espécies, naturezas, culturas, técnicas, práticas e objetos. As estratégias e práticas de conservação e reintrodução da espécie no ambiente do PEUt, permitem repensar as re-

lações e os sentidos entre natureza e cultura (o sentido da extinção e da vida das aves junto aos humanos) em suas dimensões éticas e o futuro da vida das espécies na Amazônia.

SOBRE A CONSERVAÇÃO DE ARARAJUBAS (GUAROUBA GUAROUBA)

De acordo com o Livro Vermelho das Aves e a *BirdLife International/IUCN* (2017), a espécie ararajuba (*Guarouba guarouba* – Gremlin, 1781) está na Lista Nacional de Animais em Extinção, na categoria vulnerável (VU), enfrentando risco elevado de extinção na natureza em um futuro próximo. A ave pertence à ordem *Psittaciforme*, mede em torno de 34 centímetros e geralmente a sua dieta consiste em sementes de açaí, muruci e maracujá, sendo muito sociáveis mesmo durante a reprodução, ainda que não deixem de ser territoriais (LARANJEIRAS, 2008).

É uma espécie considerada como globalmente ameaçada de extinção devido à perda acelerada do seu hábitat, principalmente na porção norte do “arco do desmatamento da Amazônia”, no oeste do Maranhão e leste do Pará (FEARNSIDE, 2005). Além disso, por causa de sua plumagem colorida (auriverde, tal como a bandeira brasileira) e a sociabilidade, tais psitacídeos de modo geral são considerados altamente carismáticos, característica que ironicamente “contribuiu” para o seu atual estatuto de perigo, devido, em parte, à procura permanentemente elevada da espécie para a avicultura e a caça, envolvendo captura e tráfico destas como “animais de estimação” (BIRDLIFE INTERNATIONAL, 2017; OREN; NOVAES 1986; WHITE JR. *et al.*, 2012).

As ararajubas são aves endêmicas do Brasil que habitam principalmente as florestas de terra firme na área entre o norte do Maranhão, sudeste do Amazonas e norte do Pará; e sempre ao sul do Rio Amazonas e leste do Rio Madeira. Há registros de avistamentos em Rondônia e extremo norte do Mato Grosso (BIRDLIFE INTERNATIONAL 2017; LARANJEIRAS, 2008; LARANJEIRAS, COHN-HAFT, 2009). Segundo a gerente de Biodiversidade do Ideflor-bio, Nívia Pereira, cerca de 80% da população de ararajubas em vida livre está no Pará, mas as aves não eram avistadas na Região Metropolitana de Belém há mais de 60 anos e, por isso, são consideradas extintas localmente.

A fragmentação dos *habitats* e a crescente devastação das áreas florestadas, como no caso da Amazônia, liga-se fortemente à extinção de aves e outras espécies ao longo do tempo no referido bioma e em contexto global. De acordo com uma pesquisa recente (MOURA *et al.*, 2014) do INCT Biodiversidade e Uso da Terra na Amazônia e da Rede Amazônia Sustentável, 47 espécies de aves (entre elas a ararajuba) podem ter desaparecido na região metropolitana de Belém nos últimos duzentos anos dentro da Área de Endemismo Belém, a mais ameaçada da Amazônia, com apenas 28% de floresta original (ALMEIDA; VIEIRA, 2010). As extinções ocorreram no período de 1800-2000 e os últimos registros

destes animais foram antes de 1980, que indicaram que 47 espécies de terra firme (14%) não foram registradas na região nos últimos 33 anos, uma perda de 0,28 espécies/ano.

Para se ter uma ideia da aceleração da extinção local, no mesmo artigo (MOURA *et al.*, 2014), em comparação com a perda anual na Mata Atlântica, na área de Lagoa Santa (MG), percebe-se que em um intervalo de 117 anos a perda foi de 0.11 espécies/ano. A extinção de aves pode significar a perda dos chamados serviços ecossistêmicos, assim como de espécies que regulam a população de outros animais, sinalizando para o provável desaparecimento de outros vertebrados, invertebrados e plantas nos remanescentes florestais da Amazônia (VIEIRA; TOLEDO; HIGUCHI, 2018).

É possível situar este período de declínio populacional junto ao contexto global de defaunação de diversas espécies, o que aponta para o efeito em cascata de coextinções locais e globais no Antropoceno (DIRZO *et al.*, 2014). O termo defaunação problematiza o desaparecimento de populações locais e a redução do número de indivíduos de cada população, em uma comunidade ecológica, e que costuma causar um maior impacto imediato na função dos ecossistemas. Embora as extinções sejam semelhantes a outros eventos de extinção em massa (houve outras cinco), os efeitos desta sexta grande onda se estendem por grupos taxonômicos diversos, mas também são seletivos, com alguns grupos e regiões sendo particularmente afetados, o que atesta suas características multicontextuais e locais (VAN DOOREN, 2014).

Os eventos de extinção forçam diversos grupos sociais a conceituar o lugar e o papel da espécie neste tipo de evento, além de produzirem conteúdos culturais diversos sobre o tema. De modo que à medida que a taxa de extinção biótica e cultural se acelera, somos forçados a refletir sobre o significado da vida em suas formas materiais-semióticas e, como colocou Genese Sodikoff (2012, p. 4), “[a] nos imaginar não apenas como autores de nossas histórias, mas também como criaturas presas ao ser-espécie”. A sexta extinção é uma percepção da realidade ligada à espécie, e não seria definida necessariamente por uma redução acentuada de toda a vida na Terra, mas sim por uma redução na abundância e diversidade da vida macroscópica (SODIKOFF, 2012).

No entanto, as extinções atuais não se resumiriam “apenas” à perda de diversidade das espécies biológicas ameaçadas, mas também à diversidade semiótica, ontológica e existencial imbricadas (LESTEL, 2013, p. 308). Em outras palavras, se trataria da capacidade dos seres vivos para viverem juntos, neste caso, com seres para além do humano, como animais, plantas, deuses, espíritos, entre outros. Não seria somente uma questão de garantir a sobrevivência física das espécies, mas também conceder o espaço material-semiótico que é integrante de seu espaço de vida. O desaparecimento das espécies não é um fenômeno puramente biológico, mas um processo complexo que altera profundamente o que

significa ser humano, ao passo que seria a nossa escrita da cultura no Antropoceno (KIRKSEY; HELMREICH, 2010).

Diante dos riscos de extinção de diversas espécies, em especial a partir do início do século XX (SEDDON *et al.*, 2007; KLEIMAN, 1989; KLEIMAN; MALLINSON, 1998), as ações de reintrodução têm-se tornado ferramentas de conservação diretamente relacionadas à recuperação das populações de espécies ameaçadas engajadas no contexto de crise ecológica e diversas críticas de movimentos sociais em prol da conservação. As reintroduções objetivam a libertação de indivíduos criados em cativeiro ou em ambientes diferentes do local de distribuição histórica das espécies, com o intuito de restituir intencionalmente populações viáveis nas áreas onde se extinguíram, considerando os agentes ou elementos que contribuíram para a extinção no respectivo local (IUCN, 1998; 2003; SEDDON *et al.*, 2007, 2014; WANJAL; SILVEIRA, 2000). As reintroduções são uma opção atrativa para gerar publicidade, principalmente porque o manejo, o transporte e a soltura dos animais são eventos com cobertura midiática e mostram “ações concretas” sendo tomadas pelas autoridades sobre a causa (SUTHERLAND, 2010).

A espécie deve ser reintroduzida dentro de seu antigo hábitat natural, o que requer um manejo com os objetivos de aumentar a sua sobrevivência a longo prazo. Além disso, restabelecer uma espécie-chave (no sentido ecológico ou cultural) em um ecossistema implica manter e/ou restaurar a biodiversidade “natural” da região, e assim, promover políticas educativas em prol da conservação, ou uma combinação destes elementos. Dessa maneira, é fundamental para a reintrodução a identificação, eliminação e/ou redução a um nível suficiente das causas atribuídas anteriormente ao declínio das espécies, a exemplo da caça, do tráfico e da destruição de habitats.

As reintroduções são constituídas dentro do sistema de práticas, políticas e conceitos que constituem o manejo conservacionista, caracterizado em geral pelos termos *in situ/ex situ*, que são utilizados amplamente por especialistas em conservação e destacam a caracterização científica desse trabalho como parte da conservação dentro de divisores maiores como humano e animal, cativo e selvagem e natureza e cultura (BRAVERMAN, 2011; PEREIRA DA SILVA, 2020). Por um lado, *in situ* é definido como conservação no local de uma suposta “natureza selvagem”, no outro extremo, *ex situ* é a conservação fora do local de origem, não natural ou em cativeiro.

A manutenção em cativeiro (parte inicial do projeto) é considerada uma estratégia de conservação *ex situ* devido ao seu potencial para criar uma população de reserva para espécies ameaçadas, ou mesmo para aquelas espécies que estão extintas (ou extirpadas) na natureza e que podem ser reproduzidas e reintroduzidas em outros ambientes. Em seguida, as espécies são asselvajadas por meio do desenvolvimento de técnicas e habilidades junto ao manejo dos profissionais para serem re-

introduzidas na área conservacionista (considerado local de distribuição natural das espécies), portanto *in situ*.

Desta forma, as reintroduções se relacionam à urgência de se formular ações em relação à destruição e extinção de diversos grupos de espécies ameaçadas e catalogadas pelos órgãos públicos e organizações governamentais ou não, que envolvem diversos especialistas. Tais técnicas, manejos e estratégias de conservação da biodiversidade mobilizados pelos agentes dizem respeito à relação entre as espécies na região, e como nessas zonas naturais/culturais se criam mundos multiéscpecies onde a vida e a morte emergem relacionadas.

O PROJETO DE REINTRODUÇÃO DE ARARAJUBAS NO PARQUE

As aves fazem parte do projeto coordenado pelo dr. Luís Fábio Silveira, do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP), inicialmente⁴ sob a execução do biólogo e ornitólogo Marcelo Vilarta, mestre pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Inicialmente realizamos algumas visitas ao Parque buscando observar e pensar as relações e percepções dos visitantes em relação às paisagens e espécies locais que compõem aqueles cenários de evasão. Fomos ao encontro dos desdobramentos do projeto ao longo do Parque, quando tivemos a oportunidade de conhecer e conversar com Marcelo sobre a realização da pesquisa e a possibilidade de acompanharmos suas atividades diárias no local com relação ao manejo e suas relações com as ararajubas visando a conservação da espécie.

O biólogo é natural de Campinas, tendo realizado seus estudos e formação na Universidade de Campinas (2012), onde cursou Bacharelado em Ciências Biológicas. Tem experiência na área de ecologia, com ênfase em ornitologia. Marcelo foi selecionado como bolsista pelo Instituto Lymington, vindo à cidade de Belém para a execução do projeto em março de 2017, quando os animais foram trazidos de São Paulo.

As aves reintroduzidas no Utinga são oriundas de um criadouro conservacionista, a Fundação Lymington, sediada em Jiquitiba/São Paulo, e o primeiro bando passou por um período de aclimação no Parque para ensiná-lo a viver livremente, reconhecer frutas e alimentos silvestres e desenvolver comportamentos relacionados à vida livre. Em 2004, no criadouro conservacionista, chegaram as primeiras duas ararajubas provenientes da Bahia e atualmente há 107 filhotes, segundo o site da fundação.

O projeto já realizou a reintrodução de dois grupos de ararajubas no Parque. A primeira reintrodução aconteceu com a chegada de um grupo de 14 indivíduos da espécie, em agosto de 2017; após o processo de aclimação no viveiro e solturas experimentais de um ou dois indivíduos por vez, buscando familiarizá-los com o espaço ao redor do viveiro, foram soltos outros indivíduos no final de janeiro de 2018. As aves voam livremente pelo Parque e algumas vezes retornam ao viveiro de aclimação para se alimentarem.

Um segundo grupo de ararajubas, composto por 10 animais, chegou ao Parque em maio de 2018 e foi libertado em meados de setembro. As aves agora se juntam às outras 12 que foram liberadas no Parque em janeiro e já voam pelo PEUt e pela cidade. Nas ações de soltura conjunta de aves é comum que alguns animais se percam do grupo, porém as aves já soltas também agenciam no processo de reintrodução das outras, contribuindo no processo de treinamento, uma vez que seus conhecimentos sobre a área que circunda os viveiros acabam por impulsionar as demais para fora deles. A primeira soltura teve uma grande cobertura midiática (assim como o nascimento do primeiro filhote). No processo de libertação o biólogo abriu os portões, a começar por um localizado na parte alta do viveiro. Todavia, nem todas as aves saíram neste momento. Na primeira soltura o viveiro permaneceu aberto durante dois dias para que as ararajubas saíssem quando se sentissem seguras para isso. Portanto, é normal que o processo seja gradual e não haja uma revoada do grupo como um todo num primeiro momento.

O que se espera é que após esse evento os animais possam transitar livres pelo Parque. Por isso, segundo Marcelo, é necessária a colaboração dos frequentadores da região (da UC e dos bairros vizinhos), seja para reportar o avistamento das ararajubas, seja para sensibilizar as pessoas da necessidade de proteger a espécie, bem como da importância do retorno de um animal ameaçado de extinção ao seu hábitat original.

Acompanhamos o processo de reintrodução a partir de uma pesquisa etnográfica que se realiza desde o mês de agosto de 2018, com visitas semanais ao local. Acompanhamos o último bando de aves que aguarda a reintrodução; no entanto, o contrato de cooperação técnica entre a Fundação Lymington e o Ideflor-Bio cumpriu com a sua vigência e a partir daí tomou outros rumos. Deste modo, o biólogo Marcelo Vilar-ta retornou à sede da Fundação em São Paulo, deixando o viveiro sob gestão exclusiva do Ideflor-Bio, que conta com uma equipe técnica que vinha acompanhando o tratamento dos animais nos viveiros do Parque, guiados por Marcelo. No período, as aves se encontravam sob os cuidados da zoóloga Ana Paula Rodrigues, responsável pela manutenção das atividades até a reintrodução do bando restante naquela UC urbana.

SOBRE “BRAVOS” E “MANSOS” E O “AMANSAMENTO” E O “ASSELVAJAMENTO” DE ARARAJUBAS

Durante a permanência de Marcelo na cidade de Belém, o biólogo morou no bairro do Utinga, de modo a estar sempre disponível ao trato das aves diariamente, sem exceções quanto a feriados ou datas comemorativas. Ao Parque, chegava por volta das sete horas da manhã, realizando suas atividades até às doze horas, quando saía para o horário do almoço, retornando às quatorze horas e ficando até às dezoito, de modo que seu ritmo de trabalho aderiu ao ritmo dos psitacídeos. As aves iniciam sua movimentação e atividades por volta das seis horas da manhã e

ficam “ativos” entre nove ou dez horas da manhã, quando se “acalmam” e buscam água e alimentos no viveiro. Voltam a ficar ativos a partir das quatorze horas quando Marcelo acompanhava as aves em suas atividades. A partir das dezessete horas as aves se retiram para pernoitar no viveiro ou pelo Parque, permanecendo até às seis da manhã descansando.

No primeiro dia em que acompanhamos o biólogo em seu cotidiano, chegamos ao Parque por volta de sete e meia da manhã, quando caminhamos cerca de três quilômetros e meio pela pista principal até o lugar em que se encontra o viveiro. Inicialmente, chegamos à entrada, onde há algumas fitas de isolamento com avisos quanto à proibição de se entrar no local; em seguida avistamos Marcelo sentado de costas para a entrada da ambiência de manejo, voltado à observação do comportamento dos indivíduos dentro do viveiro, naquele momento ele trazia uma ararajuba em seu ombro direito. Diante da cena nos aproximamos com cuidado e o chamamos de modo quase inaudível, temendo comprometer a atmosfera constituída pelas relações das aves entre si e delas com o pesquisador naquele espaço. Ele, por fim, notou nossos chamados e nos recebeu para conversarmos, além de permitir que acompanhássemos um pouco da rotina no viveiro.

Marcelo nos explicou detalhadamente sua trajetória e seu trabalho no projeto, e de imediato ressaltou que a observação das atividades, comportamentos e os ritmos das aves são alguns dos componentes fundamentais para o asselvajamento das aves, de modo que se houver alguma alteração ou algum aspecto que mude o comportamento dos animais por algum motivo, ele anota em suas fichas. Portanto, sempre procura estar atento a tudo que se relaciona às aves no local, a fim de compreender as complexidades do processo de reintrodução e registrar suas observações. Quando indagamos sobre a observação do comportamento dos animais, o profissional nos contou sobre a importância da atenção ao tratar do segundo bando de aves:

Isso, é importante ficar sempre de olho porque o grupo passado, o primeiro grupo que a gente soltou, tinham muitas brigas e eram brigas pesadas que já causaram morte entre eles. Aquela fêmea que tá solta ali já, antes... Ela já matou a própria mãe dela na madrugada.

Nesse momento a ave que estava em seu ombro alçou voo para uma árvore próxima, e também ensaiou manobras aéreas pelo parque. Marcelo, então, prosseguiu:

A gente tem que ficar de olho neles o tempo todo, porque pode acontecer a qualquer hora uma briga séria entre eles, são animais bem *territoriais* e a gente tenta separar... porque eu não tava aqui na hora que aconteceu: foi duas horas da manhã, foi em outubro isso. Quando eu cheguei aqui ela já tinha furado o olho da mãe dela e a outra parceira dela... é... parceira... inimiga dela, concorrente, porque as fêmeas são muito *bravas*. Ela furou o pescoço da parceira. Quando eu cheguei socorri, mas já não deu tempo de salvar. Então eu tenho que ficar de olho aqui o tempo todo por causa disso, porque pode ocorrer briga entre eles! (Ênfase nossa)

A territorialidade e a agressividade das aves são características que marcaram o primeiro bando no viveiro. Até aquele momento uma das aves vinha ao viveiro para brigar com as demais, visto que o viveiro tinha sido sua casa durante certo período. Tais comportamentos foram percebidos quando certa vez estávamos acompanhando Marcelo e uma ararajuba voava nas proximidades até que pousou no gradeado do viveiro pelo lado de fora, quando vocalizou. O ato pareceu irritar uma ave que estava presa. Em seguida, duas aves dentro do viveiro conflitaram, sendo necessária a intervenção do biólogo, que interpôs uma vara entre ambas, afastando-as. Nesse momento uma delas ficou sobre a haste. Então, Marcelo retirou-a do recinto, conduzindo-a até uma árvore na qual normalmente pousava nos altos.

Já em outro dia, Marcelo alimentava duas aves, Sênior e Goeldi, o nome do primeiro refere-se ao fato de ser o mais velho e o segundo por ter fugido do Museu Paraense Emílio Goeldi, também na cidade, e se deslocado ao Parque. Então, Sênior vinha se aproximando sorrateiramente de Marcelo enquanto ele estava de costas, mas, ao notar a ave, esta rapidamente se afastou, ao que Marcelo nos disse:

Não dá pra dar bobeira perto do Sênior, quando eu me viro de costa geralmente ele vem de fininho pra me pegar, assim que ele me pegou no dedo outro dia. Doe pra caramba!

[...] Ele é *bravo* mesmo, porque ele não voa, fica com esses barulhos de bicho doméstico, de palhacinho... Ele é *bravo*, né, cada um tem suas características. O Goeldi voa, desce, vira, só que muito *manso*, não sei dizer qual seria o mais selvagem no caso... Os dois acabam sendo dependentes de alguma forma. (Ênfase nossa).

E prosseguiu apontando para outra ave que estava em cima do viveiro. “Esse aí é *bravo*. Olha o que ele fez comigo”, enquanto mostra o dedo com marcas de bicadas da ave. Neste sentido, é possível perceber que os animais em questão oscilam com relação a sua “braveza” ou “mansidão”, mas ambas as aves têm uma relação de dependência com o biólogo e se engajam nos processos de criação cativa que vão desde o processo de nomeação das aves em alguns casos (aquelas que foram “humanizadas” em criação doméstica), que indicam laços afetivos e afinidades entre os agentes, até o controle de sua agressividade. Em seguida, ele nos mostra um ferimento na mão causado pela ave, o que, apesar de dificultar uma aproximação, seria positivo, uma vez que o objetivo da reintrodução das espécies é remanejá-las para viverem livres e ariscas quanto à presença humana, que pode ser perigosa, como já alertou Marcelo. Ainda no mesmo momento, enquanto conversávamos, Marcelo apontou para outro psitacédeo e comentou sobre sua braveza e dificuldades de se relacionar com o grupo no projeto:

Agora aquele outro ali, apesar de ser manso, não tá solto ainda, tá voando aí. Eu ainda preciso quebrar essa mansidão dele, que eu acho que só

vai ocorrer quando eu juntar ele com o grupo e deixar ele sozinho. Mas com esse grupo não dá, esse grupo não aceita ele, ele é muito territorial.

Marcelo se referia a uma ave que estava em cima da árvore próxima ao viveiro, onde gostam de estar e aludiu ao fato de que em suas práticas de manejo seria preciso asselvajar a ave, “quebrar a mansidão”, de modo a estar sempre atenta às espécies predadoras, sobretudo com relação aos humanos, e desenvolver suas habilidades para viver no ambiente. Em meio à conversa perguntamos sobre as relações de proximidade e apego entre ambos, pesquisador e animal, ocasião em que Marcelo ressaltou os seus vínculos de afetividade com as aves:

– Então, Marcelo, eles acabam se apegando bastante a ti...

– Ah, sim, principalmente o Goeldi. Os outros eu não deixo isso acontecer, porque eles estão no processo de soltura e porque eles não podem ter apego a humano, né... Esse como já veio aqui, ele veio do zoológico já humanizado... não faz muita diferença, mas até o final do ano que vai ser a soltura mesmo dele, eu vou tentar mudar isso... deixando ele sozinho com o próximo grupo que vier aí, mas até lá ele continua assim comigo, ele tem a finalidade dele... Ele vive solto já e ele é fácil de controlar, então é bom que tenha esse apego agora, mas pra soltar ele de vez tem que mudar isso, não sei se vai ser possível, ainda mais nesse estado que ele tá, bem... bem próximo.

O fato de Goeldi já ter vindo em certa medida “humanizado” para o Parque dificulta os processos de asselvajamento junto aos bandos, devido ao apego criado pelos humanos, e por isso ele seria uma ave fácil de ser capturada e/ou controlada pelos humanos. Assim, as aves dos bandos anteriores são fundamentais em tal processo, uma vez que em bando estariam imersas em processos de socialização que implicariam o seu asselvajamento e habituação ao local, e, ainda, segundo Marcelo, influenciariam diretamente nos processos de soltura.

Eu tenho também que ficar avaliando quais são os primeiros indivíduos que eu vou soltar. Pra isso eu tenho que saber quem são os *mais mansos* do grupo que tão mais chegados um no outro... Porque pra nós é mais interessante soltar um que no início vá voltar logo depois. Então eu quero um indivíduo que esteja bem acasalado, bem próximo do grupo e que não vai sair fugindo por aí quando eu soltar de primeira. Aqui a gente solta gradualmente, solta um, outro dia solta outro, sempre trazendo eles de volta pra que essa passagem deles pra natureza seja mais gradual, então... Mas pra avaliar isso eu tenho que ficar de olho neles. Todos eles têm anilha de identificação, quando eu vejo algo notável neles eu vou lá e vejo a anilha pra saber quem é. Eu sei o sexo dele, eu sei a idade... É isso basicamente, é *observando o comportamento* que eu noto coisas importantes. Também se tiver alguém mais caído que possa precisar de tratamento... se tem algum comportamento que indique algo, por exemplo... [Na] época que o casal tava acasalando já tem que se preparar que logo, logo vai ter filhote, isso é muito importante, isso que eu tenho

que... Isso que eu não simplesmente troco a comida e vou embora, bem que gostaria porque tem muita coisa pra fazer, por exemplo, ir atrás da comida deles, atrás de compras pro projeto... (Ênfase nossa).

Os animais mais mansos seriam fundamentais por estarem habituados com o local, de modo a retornarem, seja em busca de comida, água ou por afinidade ao lugar, enfim, a questões de territorialidade que auxiliam nas motivações de outras aves a abandonarem o viveiro paulatinamente – ou seja, uma maneira de “passarem para a natureza de modo gradual”. O controle de sua agressividade ou mansidão, desta forma, perpassa o controle sexual e reprodutivo, de maneira que o acasalamento, na perspectiva do biólogo, criaria um vínculo com seu território. As aves têm seu sexo e identificação registrados em suas anilhas, que é uma pequena liga/anel feita de metal leve que fica preso em uma de suas pernas. O material também faz parte da tecnologia de monitoramento que, infelizmente, não pode ser completada com um dispositivo de GPS. Segundo o biólogo houve problemas com a empresa que forneceria tais dispositivos, os quais facilitariam o mapeamento das aves em vida livre, possíveis registros de predação, ou mesmo de captura por humanos.

Dessa maneira a observação dos comportamentos e interações das aves entre si e com a paisagem é imprescindível para o seu trabalho e relações com as aves. Os psitacídeos podem indicar seus estados de saúde através de movimentos, comportamentos e outras ações lidas pelo biólogo. Os cuidados cotidianos são baseados, sobretudo, no olhar e na percepção que constituem os componentes fundamentais do seu conhecimento acerca dos comportamentos animais. Logo, a proximidade e suas afinidades com as aves permitem uma imersão no processo de reintrodução da espécie na Amazônia.

Além da agressividade intra e interespecífica, a atenção do biólogo se volta sempre para as relações ecológicas das aves no local, de modo que a vida das espécies está diretamente relacionada a outras vidas de diferentes ordens de existência. Por exemplo, segundo Marcelo é imprescindível a manutenção da atenção no viveiro, sobretudo para evitar que serpentes se aproximem e predem alguma ave; segundo o biólogo, estes animais seriam seus predadores naturais no meio e abundantes no local. Em conversa com Marcelo sobre os ataques de cobras, nos disse:

– E nessa questão dos ataques de cobras, aqui no parque têm muitas?

– Muita cobra, tem muita cobra... Pode ter um monte aqui do nosso lado e a gente nem sabe, mas de dia elas raramente saem, um bicho de hábitos noturnos raramente sai... o maior problema pra nós é a jiboia, que é o predador natural deles, elas tem interesse em entrar no viveiro toda hora, já colocamos tela protetora, mas mesmo assim elas conseguem entrar... Então, tem que ter vigilância constante! Eu peço, pra quando eu saio no horário do almoço, ou quando eu saio pra fazer alguma compra pro trabalho, a vigilância fique 24h aqui. Peço que os vigilantes me ajudem, não a cuidar dos bichos, é só ficar de olho pra que

ninguém mexa aqui, e não deixe uma cobra subir aí no viveiro. Nós já tivemos umas duas baixas aqui, por cobra, isso é bem chato!... E cada baixa é uma espécie, é um indivíduo em extinção a menos, acaba sendo bem pesado.

Desse modo, tais animais estabelecem uma relação de predação diante da qual, para a vida das aves, a agência humana é primordial em termos de cuidados. As jiboias intensificam suas atividades de predação a partir de um regime noturno, o que pede uma atenção redobrada com as aves à noite, pois como não está no local, o pesquisador pede para que um guarda o ajude no cuidado. Tal estado de atenção e cuidados afeta diretamente Marcelo, principalmente em termos psicológicos, como discutiremos melhor adiante.

Neste momento da conversa, observamos um urubu sobrevoar o local assustando o periquito que se encontrava pousado em uma das árvores próximas de onde estávamos, agitando as demais no viveiro. Marcelo, então, afirmou o seguinte:

– Foi embora, mas vai voltar... Ah, o urubu que assustou... Eles não gostam de urubu.

– E tem perigo de se enfrentarem?

– O urubu não, mas é bom que eles tenham medo de bichos desse aspecto...

– Por quê?

– De famílias das aves de rapina porque pode ser um perigo, entendeu? Até hoje nunca aconteceu, mas é bom que eles ficam esperto... Olha, protegeu ali... A hora que ele quiser ele desce... Esse faz parte do treinamento antipredador deles... E os outros que tão solto aqui, como eles reagem à presença de cobra, de cachorro, de urubu, de gavião... esses são mais ingênuos, tão aprendendo com eles.

Para a eficiência do asselvajamento das ararajubas ao local é realizado um treinamento antipredação, de modo a motivá-las à reação e/ou o comportamento de defesa em relação a algum perigo. Foi observado que o comportamento em relação aos predadores naturais se constrói com o tempo, de forma que as aves já reconheçam as principais ameaças, como jiboias e gaviões.

Os indivíduos do primeiro bando de ararajubas receberam a visita de uma jiboia chamada Bóris, que foi emprestada por Patrícia Andreia em nome do Batalhão de Polícia Ambiental da cidade. O animal foi manejado pelas biólogas técnicas do Ideflor, Rilarity da Silva e Rosangela Souza, que operaram a aproximação do viveiro junto a Marcelo. O processo de treinamento para que as aves aprendessem a reagir ao encontrar um predador na natureza implicou em evidenciar a presença da serpente, colocando-a atrás da tela, o que foi o suficiente para deixar as aves na defensiva no alto gradeado do viveiro, atentas aos sinais de perigo oferecidos pelo ofídio.

Sobre outras ameaças ou espécies que afetam as aves no que se refere a sua presença, ficamos curiosos se as aves não se assustavam com a circulação de algum veículo pelo parque, como o do Batalhão de Polícia Ambiental, ou mesmo a circulação de visitantes e profissionais. Marcelo nos alertou que os riscos maiores somos nós, humanos:

– Eu ia te perguntar em relação a isso, máquina, carros...

– Ah isso acho que é o de menos, o mais perigoso mesmo é o humano, o carro pra esses bichos é como um outro bicho da cidade, é uma coisa se mexendo, não é uma coisa que eles considerem uma ameaça e acho que não é realmente uma ameaça pra eles. Eles não voam na altura do carro, então não acho perigoso, mas... o perigoso é que eles acabam se acostumando com gente...

– E tem assim, alguma coisa que mais afeta eles?

– Ah, eles odeiam urubu, quando um de cabeça vermelha passa aqui eles ficam estressados. Cachorro eles detestam, quadrúpede em geral, capivara passa aqui, capivara é inofensiva mas...

– Passa bastante aqui, capivara?

– Passa, toda semana passa um grupo de capivaras aqui mesmo... qualquer coisa diferente do que eles conhecem, né? Agora, gavião muito grande eles também não gostam, e isso é ótimo! Cobra, se eles virem uma muito grande eles assustam também. Isso é o que eles instintivamente têm medo. Agora falta aprender um pouco, às vezes, passa um gavião que é um pouco grande e eles ficam meio bobos, tem que ficar de olho nisso, tem que ficar de olho pra ele aprender. Agora esse aqui é bem esperto apesar de ser manso, pra um bicho em geral, sabe se esconder, sabe fugir, é bom... Viu o passarinho lá, ficou alerta, mas viu que não é nada... Vão pra palmeira tenho certeza... hm... isso é raro...

– Tem alguma outra espécie de animal que circula aqui, quadrúpede, alguma coisa?

– Tem cachorro do mato, mas só aparece à noite, tem cachorro comum que às vezes entra aqui, tem muito bicho aqui... tem quati, mas raramente vem pra esse lado... Nas árvores tem muita preguiça e muito macaco, mas nunca causaram incômodo. Uma vez eu tava cuidando de um macaco manso que alguém soltou aqui, então ele resolveu vir no viveiro incomodar eles, mas aí um casal desceu da caixa e deu um pau nele e o macaco desceu correndo do viveiro, nunca mais subiu. Isso me deixou feliz até, eu vi que eles tavam... Não são mais bichos bobos, apesar de ter nascido em cativeiro, só comigo que ficam nessa bobeira, mas não tem jeito, eu tô aqui todo dia!

– Esses macacos são aqueles micos de cheiro?

– Isso, são macacos de cheiro e sagui preto, só. São o que eu mais vejo, não vi nem um outro.

As ararajubas convivem diariamente com várias outras espécies, de forma que o medo sentido por elas seria um bom sinal quanto ao próprio resultado de seu asselvajamento, segundo Marcelo, uma vez que as espécies reconhecem outros animais que podem representar perigo ou identificam possíveis predadores. O treinamento destas espécies é feito baseado fortemente na observação do biólogo em relação às aves e ao meio, e de parte das aves que desenvolvem seus pontos de vista quanto ao que as afeta de forma prejudicial ou não.

Um caso curioso quanto a outras espécies é que certo dia no final da manhã, estávamos acompanhando Marcelo em suas atividades e, quando fazia a última checagem dentro do viveiro das aves, se deparou com a construção de uma pequena colmeia dentro da caixa de madeira onde algumas aves dormem. Ao perceber a colmeia ficou preocupado e teve o cuidado de retirar. Porém, depois de meses, Marcelo encontrou novamente outra colmeia de abelhas em formação e, novamente, a retirou. Disse que enquanto estivesse retirando as abelhas não seriam problema, pois as aves acabam convivendo com estas espécies e outras, como lagartos e sapos e, segundo afirmou, as aves “nem olham pra eles, parece que não existem”.

As aves convivem com um emaranhado de outras espécies no Parque, compondo as suas paisagens e sua dinâmica socioecológica. A reintrodução das espécies implica estar atento ao mundo multiespecífico que engloba a espécie e às suas relações entre si, para o seu asselvajamento diário no local. Tais práticas podem ser pensadas dentro das relações com as espécies emaranhadas em processos de “tornar-se com” um mundo multiespecífico no qual práticas, naturezas, culturas, espécies e técnicas não preexistem a seus entrelaçamentos (HARAWAY, 2003, 2016).

ALIMENTANDO AS AVES

Durante o processo de reconhecimento alimentar, as ararajubas tiveram acesso a diversos alimentos encontrados no Parque, que compõem sua dieta na natureza, tais como açaí, muruci, caju, goiaba e maracujá. Inicialmente, ao primeiro bando foram oferecidos, sobretudo, a alimentação no viveiro e sempre que possível os alimentos foram entregues em cachos e ramos para que as aves reconhecessem as plantas posteriormente no meio. Os frutos favoritos das aves seriam açaí, manga e o muruci, facilmente encontrados no Parque.

Além dos frutos, as aves recebem uma quantidade de ração suplementar junto a vitaminas, para sua melhor adaptação ao parque, sempre considerando que os periquitos não foram criados naquele contexto e, sim, em outro ambiente. Por isso o processo de adaptação é delicado. Nos primeiros dias, as ararajubas dependiam muito da dieta suplementar fornecida, mas ao longo do ano, o tempo gasto em alimentos naturais aumentava, enquanto o consumo de alimentos oferecidos nos

comedouros suspensos diminuía (VILARTA *et al.*, 2018). Metade dos itens consumidos na natureza não foram apresentados aos animais durante o condicionamento. Sobre o manejo alimentar, Marcelo ressaltou:

Ah, olha, os bichos que tão sendo preparados pra soltura, que são esses que tão no viveiro menor, eles foram criados lá na fundação com ração, maçã, mamão... Coisas que não dão aqui no mato, né? Então, parte do trabalho, acho que a parte mais importante que a gente faz aqui é acostumar eles com a alimentação natural, que é os alimentos que eles vão encontrar aqui no mato... Principalmente o açaí, o murici, manga, não é nativo do Brasil, mas tem muito em Belém, né...? E outras frutas que eu consigo encontrar por aí. Tudo isso eu quero apresentar pra eles, antes de soltar... Por mim eu só daria essas coisas pra eles, porém bem difícil só dar frutas nativas, então acabo tendo que suplementar isso com ração... Comida antiga deles... Coisas de supermercado, sabe? Mas o principal que eu faço aqui é coletar os frutos aqui no mato, comprar açaí em algum lugar e dar pra eles se acostumarem. Quando eu vejo que eles já tão até preferindo esses frutos naturais, eu já vejo que eles já estão praticamente prontos em certos aspectos. Outra coisa importante é dar o ramo natural, só arrancar o açaí e dar pra eles, eu dou preferência a só arrancar um cacho inteiro, um ramo de açaí, pendurar naquele pé de açaí que a gente tem ali, pra eles associarem a planta com a alimentação, vai ser mais fácil deles acharem o alimento no mato depois. Por mim eu faria isso com todas as árvores aqui, mas normalmente é uma coisa meio difícil de conseguir e... de alimentação é basicamente isso.

O processo de manejo alimentar envolve o cuidado com a nutrição das aves, inicialmente os cuidados em relação à transição alimentar, pois as aves tinham outro regime alimentar no criadouro conservacionista, e são trazidas para o ambiente amazônico onde o biólogo busca os frutos abundantes na região, de modo a se acostumarem aos alimentos. Porém, a ração ainda é fundamental para complementar uma dieta saudável para as espécies (WHITE JR. *et al.*, 2012) e algumas aves que já foram soltas sempre voltam para se alimentar, pois segundo o biólogo:

A comida é boa e é fácil. A ração é bem forte. A gente viu lá no congresso⁵ que todos os trabalhos que têm mais sucesso, são os que continuam dando alimentação suplementar o maior tempo possível, então, não vou cortar a alimentação suplementar até o período máximo de tempo.

O biólogo serve a alimentação nas bandejas do viveiro e introduz alguns pedaços de frutas em galhos pelo gradeado, para que possam se movimentar ao longo dele. Outro local onde é servido a alimentação é em um pequeno contêiner pendurado em uma árvore próxima ao viveiro, onde são colocadas sementes de girassol. O utensílio fica pendurado e abastecido ao longo do dia à espera das aves.

Outro cuidado é o de familiarizar o fruto e, em certo sentido, dispô-los de maneira a não facilitar o alcance das aves, para que elas possam experimentar como seria alimentar-se em vida livre ao longo do parque.

O biólogo coloca alguns cachos de açaí pendurados em algumas árvores para que as aves voem, reconheçam os frutos e se alimentem. Além do treinamento de alimentação, os animais foram incentivados a voar diariamente entre os viveiros, para garantir a manutenção de sua aptidão física.

Deste modo, o manejo alimentar envolve tais técnicas e estratégias para o asselvajamento e reintrodução no Parque, ao passo que estimula as aves a desenvolverem suas habilidades quanto ao forrageio e reconhecimento de alimentos, que constituem uma das suas atividades fundamentais diárias, bem como para o crescimento, o desenvolvimento e a reprodução da espécie na área verde da cidade amazônica.

O NASCIMENTO DO PRIMEIRO FILHOTE DE ARARAJUBA

Em abril de 2018, nasceu o primeiro filhote de ararajuba no processo de reprodução em vida livre no Parque do Utinga, em um ninho próximo ao viveiro. A ave atualmente alimenta-se sozinha, vocaliza como qualquer indivíduo de sua espécie, e pode ser considerada praticamente independente. Voa pelos céus da cidade, às vezes sozinha, noutras acompanhada pelos pais. Essa jovem ararajuba é considerada especial, pois representa um passo importante na reintrodução da espécie no município de Belém, local, como dito antes, em que a espécie estava extinta há mais de 60 anos.

Segundo os biólogos do Ideflor-bio e da Fundação Lymington, responsáveis por monitorar o desenvolvimento das ararajubas no Parque, o nascimento do filhote é um dos principais indicadores da readaptação dessas aves aos ecossistemas presentes na cidade. Segundo a gerente de Biodiversidade do Ideflor-bio, Nívia Pereira, em entrevista⁷ para o site do Parque, esse resultado consolida um dos marcos mais importantes em qualquer trabalho de reintrodução, pois demonstra que a população é capaz de ampliar o número de indivíduos e se manter na área, compensando as eventuais perdas de indivíduos por causas naturais.

Três meses após a primeira soltura, o casal reprodutor que permaneceu nos arredores colocou alguns ovos. A mãe era a fêmea territorialista que matou as fêmeas rivais. Apenas um ovo eclodiu, mas a pequena ararajuba nasceu com sucesso. Aos três meses de idade, ela deixou o ninho. No segundo evento reprodutivo, nenhum dos quatro ovos eclodiu, apesar do cuidado constante da fêmea. Uma terceira postura já foi identificada e está sendo monitorada.

Quanto ao nascimento ocorrido no Utinga, o pequeno filhote passou por três meses de cuidados parentais intensos até conseguir realizar o seu primeiro voo em vida livre, no início de julho. O voo foi uma surpresa e assustou tanto a equipe de biólogos quanto os próprios pais. No início, desorientada, a ararajuba passou a noite fora do ninho e ainda pousou em algumas árvores da Unidade de Conservação, até encontrar o caminho de volta ao seu lar nas redondezas do viveiro de aclimação

montado no Parque. Para Marcelo, o barulho das outras ararajubas no viveiro e o chamado dos pais foram alguns dos possíveis guias para o retorno do filhote ao convívio com o coletivo.

O DILEMA DA RESPONSABILIDADE PELA VIDA E A MORTE DAS ESPÉCIES E A COCRIAÇÃO DE MUNDOS MULTIESPÉCIES

Desde o início da pesquisa movemos nossa atenção a buscar compreendermos aspectos das relações entre o biólogo e as aves, afinal a reintrodução e soltura das aves implica a avaliação técnica mediante o olhar do responsável pelo projeto, ligado a critérios que assegurem que as aves sejam reintroduzidas com as melhores condições possíveis para poderem viver no local escolhido ao longo do tempo. Para tanto, as ararajubas devem apresentar-se saudáveis, não portando nenhum micro-organismo patogênico, devendo procurar naturalmente alimentos e abrigos característicos da sua espécie, apresentando o máximo de variabilidade genética possível, através da utilização de todos os casais de fundadores de novos coletivos.

Ao acompanhar Marcelo em suas atividades ligadas ao projeto foi possível atentar para o manejo e sua responsabilidade em relação às aves, pois como descrevemos, desde a alimentação, perpassando por um conjunto de técnicas e práticas, até suas relações afetivas, são elementos de suma importância para o sucesso da reintrodução. Logo no início da pesquisa, certo dia pela manhã, enquanto Marcelo colocava os animais do segundo bando no recinto, pois duas ararajubas estavam fora dele, e se preparava para sair para o almoço, conversamos em aspectos gerais sobre sua responsabilidade no projeto. Ele nos disse, inclusive, como isso o afetava em termos de saúde mental:

– Eu tive no meio do ano umas crises de ansiedade, na época que estava mais problemático... Foi bem complicado, quase pensei em sair, mas aguentei e agora tá melhor. O projeto teve grandes vitórias, como o nascimento do filhote, tá ali dentro da caixa... Não quer sair agora, mas por bobagem, mas... Ultimamente eu melhorei um pouco, mas... Pensando agora nessa relação, aí, foi bem complicado pra minha cabeça no começo do ano. É muita responsabilidade... Cada bicho desse, não é só a questão profissional que pega não, a gente acaba pegando um vínculo pessoal com cada um, especialmente esses mansos aqui...

Durante a fala, o biólogo ressaltou a ansiedade em relação à própria vida e à morte dos espécimes, sobretudo daqueles com os quais havia maior vínculo ou afinidade, como os considerados mansos. Além da morte de dois indivíduos do primeiro bando, um pela briga intraespecífica e o outro predado por uma jiboia, houve uma outra perda no segundo grupo:

– Teve um dos soltos que morreu da maneira mais besta possível. Tava voando, aí bateu num desses fios elétricos e quebrou o pescoço, aí caiu morto no chão, quebrado. A coisa mais idiota que eu já vi acontecer. Um bicho perfeito, saudável. Eram sete, agora são seis.

– Isso do segundo grupo?

– Isso, da segunda soltura. Uma pena... Porque parece que por mais que você crie eles diretinhos, que esteja tudo certo, tem um fator aleatório, um azar que pode acabar com tudo de uma hora para outra.

Assim, a preocupação ética de Marcelo com o projeto e a vida das aves evidencia uma ansiedade relacionada ao seu modo de engajamento, reflexividade e sensibilidade em relação à alteridade animal, pois a perda das aves em questão implica sentir a extinção das aves de maneira palpável, o que suscita a agência humana a partir de suas relações socioecológicas e de responsabilidades com as espécies ameaçadas de maneira ética, já que envolve o dilema da finitude do ser. A reintrodução das populações ameaçadas no PEUt nos força, finalmente, a repensar nossas responsabilidades para salvar espécies em declínio no Antropoceno e promover a integridade dos ecossistemas e a saúde em paisagens amazônicas altamente dinâmicas e relacionais no contexto urbano (SILVEIRA, 2014).

SEGUINDO MODOS DE VIDA MULTIESPÉCIES

A abordagem que buscamos aqui foi seguir os emaranhamentos aviários (VAN DOOREN, 2014) de forma a atentar para os entrelaçamentos entre as aves, o biólogo e um feixe de relações com outras espécies e agentes imersos na área de conservação ambiental. Por isso, para o biólogo, as aves estão sempre envolvidas em relacionamentos-em-prática (INGOLD, 2011) mais ou menos tensionais com uma diversidade de outras espécies, incluindo seres humanos.

É dentro desses envoltimentos multiespecíficos que se desenrolam os cuidados e práticas conservacionistas *ex situ* para a habituação e asselvajamento das aves no local e posteriormente a sua reintrodução *in situ*; essas relações produzem a possibilidade do florescimento da vida animal numa paisagem multiespecífica. Em tempos em que tantas espécies estão se extinguindo, estes envoltimentos assumem um significado centrado em fortes apelos éticos e políticos a partir da criação de mundos (*worlding*) e modos de vida multiespécies (HARAWAY, 2016), atentando para a responsabilidade da agência da espécie humana em tais projetos.

A vida das espécies se desenvolve em uma trama ecológica (INGOLD, 2011) de onde emergem e o ser-espécie se constitui a partir de processos de cotornar-se com outras espécies (HARAWAY, 2008). Este cotornar-se envolve o intercâmbio e o aparecimento de significados, de modo que se fez necessário uma imersão em suas redes de significação, que podem ser linguísticas, gestuais, afetivas, entre outras, com os seus modos de vida multiespécies (VAN DOOREN, 2014; VAN DOOREN; KIRKSEY, MUNSTER, 2016).

Dessa forma, a questão gira em torno de como “nos tornamos juntos” (HARAWAY, 2008), ou como vivemos *com* (“*live with*”) as aves nes-

te caso, a partir de um mundo compartilhado, visto que as espécies e a própria vida fluindo devem ser entendidas como entidades cujas relações com outras espécies estão integralmente implicadas. As práticas mundanas constituem a experiência, o lugar e encontros naturais/culturais entre as espécies (HARAWAY, 2008), que estão ativamente engajadas com a materialidade e o contexto em que os eventos e interações ocorrem. Em suma, diz respeito a uma forma de estar no mundo (ontologia conservacionista) em que os humanos se configuram como causa histórica, social e ecológica da extinção local das espécies, ao passo que se rearticulam no presente como agentes de conservação das espécies no Antropoceno.

Assim, nos concentramos nos entrelaçamentos multiespecíficos como modos de entendimentos para pensar a vida e a extinção para além das fronteiras ontológicas que separam e relacionam as espécies (entre natureza e cultura). Nos aliamos a uma antropologia que não se limita somente ao humano, mas que está preocupada com os efeitos dos nossos emaranhamentos com outras espécies de seres vivos (KOHN, 2007), atentando às diversas maneiras pelas quais os humanos e os animais estão implicados na vida um dos outros em paisagens multiespécies.

Outro ponto é que a proximidade e os vínculos pessoais aludidos pelo biólogo são imprescindíveis para o desenvolvimento da espécie da avifauna brasileira ameaçada de extinção, de forma que suas afinidades elaboradas em seu cotidiano no parque o ligam às aves e revelam um processo de emergência de suas subjetividades, sobretudo com algumas aves imprescindíveis para guiarem o grupo durante a soltura.

O engajamento cotidiano nas relações humano-aves são compostos por diversas atividades, entre elas as técnicas e o manejo para asselvar os animais (“quebrar a mansidão das aves”). Dessa forma, ao asselvajarem, ocorreria uma transformação no status de classificação destes animais ou/em sua “natureza”, visto que passam pelas práticas de habituação e criação em regime cativo para se tornarem asselvajados, “livres” pelas paisagens, o que indicaria a fluidez em certo sentido de tais concepções e simultaneamente atestaria a “marca” humana na “natureza asselvajada” animal. Isso também nos levou a questionar se ainda é necessário pensar a conservação no Antropoceno em termos do par *in situ/ex situ*, visto que este pressupõe a concepção da natureza como externa ao campo social constituído pelos humanos.

Por fim, o próprio sucesso, as perdas e afinidades em relação às aves também afetam a saúde do pesquisador. Nestes termos é possível pensar a dimensão ética de suas relações a partir dos cuidados, afetividades e formas de coexistência, enfocando suas responsabilidades quanto à vida das aves. Responsabilidade que se dá na atenção à possibilidade de ser responsivo, de compartilhar as paisagens que habitamos (HARAWAY, 2016) e imaginar que relações e mundos multiespecíficos entre humanos e aves são possíveis à beira da extinção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A etnografia em questão focou nas dimensões socioecológicas da reintrodução e do desaparecimento, da vida e da morte de uma espécie ameaçada de extinção no contexto amazônico urbano, explorando as formas pelas quais as práticas, observações e relações afetivas permeiam a vida das aves no local, ligadas a um projeto de conservação, mas diretamente à trajetória pessoal de um pesquisador. A reintrodução das espécies inevitavelmente nos faz pensar que a vida e a extinção são fenômenos multicontextuais, que requerem mecanismos muito diferentes para evitar o declínio de uma espécie. Assim, diversas estratégias são implementadas para evitar a extinção e pensar a responsabilidade de diferentes agentes humanos e não humanos afetados pela perda de uma determinada espécie no mundo.

A atenção e o cuidado movidos pelo biólogo em relação às aves nos conduzem a certo desvelamento dos modos de vida multiespécies, e, a partir daí, de como a reintrodução de uma espécie implica um conjunto de mudanças e desafios que requerem atenção situada e sensível ao caso em questão. A conservação das espécies é um processo complexo, já que o biólogo envolvido no projeto encontra obstáculos a cada passo do caminho trilhado, conforme tentamos demonstrar nesta experiência etnográfica, pois os predadores da espécie em extinção, as vicissitudes da vida e da morte de indivíduos, bem como as melhores intenções dos conservacionistas, podem ser frustradas por fatores incontroláveis, como nos disse Marcelo.

Dessa maneira, entendemos que seguir os emaranhados da avifauna nativa coloca-nos o compromisso com o futuro desde o presente, ao mesmo tempo em que precisamos considerar as nossas mazelas quanto ao passado, a partir da memória de nossas interações com as espécies que não pode ser apagada, assim como nossa responsabilidade sobre a vida em extinção das espécies que conhecemos no Antropoceno. O que pode significar a recriação de mundos multiespécies e, também, da perplexidade de uma consciência que reconhece a precariedade e a fluidez intensa das relações entre natureza e cultura no mundo urbano contemporâneo.

NOTAS

1. Gostaríamos de agradecer ao biólogo Marcelo Vilarta pela paciência e colaboração com a pesquisa. A bióloga e gerente de Biodiversidade do Ideflor-bio, Nívia Pereira, e ao Ideflor-bio. Por fim, aos comentários e às sugestões de pareceristas anônimos da Revista. Dados presentes no Atlas de Abastecimento Urbano da Agência Nacional de Águas (ANA). Disponível em: <<http://atlas.ana.gov.br/atlas/forms/analise/RegiaoMetropolitana.aspx?rme=4>>. Acesso em: 28 nov. 2021.
2. Entrevista concedida ao site Conexão Planeta em 1 de julho de 2016, dispo-

nível em: <<http://conexaoplaneta.com.br/blog/ameacada-de-extincao-ararajuba-sera-reintroduzida-em-unidades-de-conservacao-do-para/>>. Acesso em: 28 nov. 2021.

3. O termo Antropoceno foi proposto pelos geólogos Paul Crutzen e Eugene Stoermer, no ano de 2000, em uma *newsletter* do International Geosphere Biosphere Programme (IGBP) e ganhou visibilidade científica dois anos mais tarde, através da publicação de um artigo de apenas uma página na revista *Nature*. O termo seria usado para marcar uma nova época geológica na qual os humanos existiriam como força geológica, produzindo severos efeitos biofísicos enquanto espécies na história do planeta. O debate centra-se na definição de marcadores cientificamente relevantes para a sua datação na escala de tempo geológico e, ainda, o estabelecimento e aplicação de critérios que permitam medir, com base em evidências empíricas, os impactos humanos em escala planetária.

4. O biólogo trabalhou no período 2017-2019, após este período outros profissionais realizaram o monitoramento e reintrodução de alguns indivíduos adquiridos em circunstâncias excepcionais.

5. O biólogo se referiu a um evento na área da Biologia que participou sobre a temática de projetos conservacionistas e reintrodução de espécies na cidade de Chicago (EUA), durante o mês de novembro de 2017.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Arlete Silva de; VIEIRA, Ima Célia Guimarães. Centro de Endemismo Belém: Status da Vegetação Remanescente e Desafios para a Conservação Biológica e Restauração Ecológica. *Revista de Estudos Universitários*, v. 36, p. 95-111, 2010.

BIRDLIFE INTERNATIONAL. *Species factsheet*: Guaruba guarouba. 2017. Disponível em: <<http://www.birdlife.org>>. Acesso em: 6 dez. 2021.

BRAVERMAN, Irus. Looking at zoos. *Cultural Studies*, v. 25, n. 6, p. 809-842, 2011.

CAMARGO, Suzana. Ameaçada de extinção, ararajuba será reintroduzida em Unidades de Conservação no Pará. *Conexão Planeta*, 1 jul. 2016. Disponível em: <<http://conexaoplaneta.com.br/blog/ameacada-de-extincao-ararajuba-sera-reintroduzida-em-unidades-de-conservacao-do-para/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

CHAKRABARTY, Dipesh. The climate of history: four theses. *Critical inquiry*, v. 35, n. 2, p. 197-222, 2009.

DIRZO, R.; YOUNG, H. S.; GALETTI, M., CEBALLOS, G.; ISAAC, N. J.; COLLEN, B. Defaunation in the Anthropocene. *Science*, v. 345, n. 6195, p. 401-406, 2014.

FEARNSIDE, Philippe. Deforestation in Brazilian Amazonia: history, rates, and consequences. *Conservation Biology*, n. 19, p. 680-688, 2005.

GARDA, Adrian Antonio; SILVA, José Maria Cardoso da; BAIÃO, Patrícia Carvalho. Biodiversity conservation and sustainable development in the Amazon zero deforestation: strategic. *Systematics and Biodiversity*, n. 8, p. 169-175, 2010.

- HARAWAY, Donna. *The companion species manifesto: dogs, people, and significant otherness*. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.
- HARAWAY, Donna. *When species meet*. Minneapolis; London: University of Minnesota Press, 2008.
- HARAWAY, Donna. *Staying with the trouble: making kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016.
- INGOLD, Tim. *Being alive: essays on movement, knowledge and description*. Abingdon: Routledge, 2011;
- IUCN - INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE. *Guidelines for Reintroductions*. Prepared by the IUCN/SSC Reintroduction Specialist Group. Cambridge: IUCN, 1998.
- KIRKSEY, S. Eben; HELMREICH, Stefan. The emergence of multispecies ethnography. *Cultural anthropology*, v. 25, n. 4, p. 545-576, 2010.
- KOHN, Eduardo. How dogs dream: Amazonian natures and the politics of transspecies engagement. *American Ethnologist*, v. 34, n. 1, p. 3-24, 2007.
- KLEIMAN, D. G. Reintroduction of captive mammals for conservation. *BioScience*, v. 39, p. 152-161, 1989.
- KLEIMAN, D. G.; MALLINSON, J. J. C. Recovery and management committees for lion tamarins: partnerships in conservation planning and implementation. *Conservation Biology*, n. 12, p. 27-38, 1998.
- LARANJEIRAS, Thiago Orsi. Distribuição geográfica, história natural e conservação da Ararajuba (*Guarouba guarouba* - *Psittacidae*). 2008. 129f. Dissertação (Mestrado em Capacidade de suporte, Ecologia animal, Ecologia vegetal, Ecossistemas, Interação inseto-planta, Lim) – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, 2008.
- LARANJEIRAS, Thiago Orsi; COHN-HAFT, Mario. Where is the symbol of Brazilian Ornithology? The geographic distribution of the golden parakeet (*Guarouba guarouba* - *Psittacidae*). *Revista Brasileira de Ornitologia*, v. 17, n. 1, p. 1-19, 2009.
- LESTEL, Dominique. The withering of shared life through the loss of biodiversity. *Social Science Information*, v. 52, n. 2, p. 307-325, 2013.
- MOURA, N. G.; LEES, A. C.; ALEIXO, A.; BARLOW, J.; DANTAS, S. M.; FERREIRA, J.; LIMA, M. D.; GARDNER, T. A. Two Hundred Years of Local Avian Extinctions in Eastern Amazonia. *Conservation Biology*, v. 28, p. 1271-1281, 2014.
- OREN, David C.; NOVAES, Fernando C. Observations on the golden parakeet Aratinga guarouba in northern Brazil. *Biological Conservation*, v. 36, n. 4, p. 329-337, 1986.
- PEDROSA NETO, Cícero. Ararajubas ganham uma segunda chance em Belém. *Agência Amazônia Real*, Belém-PA, 4 maio 2019. Disponível em: <<https://amazoniareal.com.br/ararajubas-ganham-uma-segunda-chance-em-belem/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- PEREIRA DA SILVA, Matheus. *Performando naturezas: relações com animais em um zoológico na Amazônia*. 2020. 199f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Programa de Pós-Gr

duação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará, 2020.

- SEDDON, P.J.; ARMSTRONG, D.P.; MALONEY, R.F. Developing the Science of Reintroduction Biology. *Conservation Biology*, v. 21, n. 2, p. 303-312, 2007.
- SEDDON, P.J.; GRIFFITHS, C.J.; SOORAE, P.S.; ARMSTRONG, D.P. Reversing defaunation: restoring species in a changing world. *Science*, n. 345, p. 406-412, 2014.
- SILVA, J.M.C.; RYLANDS, A.B.; FONSECA, G.A.B. O destino das áreas de endemismo da Amazônia. *Megadiversidade*, v. 1, n. 1, p. 124-131, 2005.
- SILVEIRA, Flávio da. Paisagens do Bosque Rodrigues Alves, Belém (PA): considerações sobre a conservação do patrimônio urbano no contexto amazônico. *Antíteses*, v. 7, p. 230-257, 2014.
- SILVEIRA, Luís Fábio; BELMONTE, Fernando José. Comportamento reprodutivo e hábitos da ararajuba, *Guarouba guarouba*, no município de Tailândia, Pará. *Revista Brasileira de Ornitologia*, v. 13, n. 1, p. 89-93, 2005.
- SODIKOFF, Genese. Accumulating absence: cultural productions of Six Extinction. In: SODIKOFF, Genese Marie (Ed.). *The anthropology of extinction: essays on culture and species death*. Bloomington: Indiana University Press, 2012. p. 1-16.
- SUTHERLAND, William J. *et al.* Standards for documenting and monitoring bird reintroduction projects. *Conservation Letters*, v. 3, n. 4, p. 229-235, 2010.
- VAN DOOREN, Thom. *Flight ways: life and loss at the Edge of Extinction*. New York: Columbia University Press, 2014.
- VAN DOOREN, Thom; KIRKSEY, Eben; MÜNSTER, Ursula. Multispecies Studies Cultivating Arts of Attentiveness. *Environmental Humanities*, v. 8, n. 1, p. 1-23, 2016.
- VIEIRA, Ima Célia Guimarães; TOLEDO, Peter Mann de; HIGUCHI, Horácio. A Amazônia no antropoceno. *Ciência e Cultura*, v. 70, n. 1, p. 56-59, 2018.
- VILARTA, Marcelo; WITTKOFF, Linda; PINTO, Nívia; WITTKOFF, William; WITTKOFF, Wallace; WITTKOFF, Claudia; WITTKOFF, William; TAMAMOTO, Thais; SILVEIRA, Luís Fábio. Reintroduction of the Golden Conure (*Guaruba guarouba*) in protected areas in Brazilian Amazon Forest. In: *2nd Internacional Wildlife Reintroduction Conference*, Poster, 2018.
- WANJTAL, Anita; SILVEIRA, Luís Fábio. A soltura de aves contribui para a sua conservação? *Atualidades Ornitológicas*, v. 98, n. 1, p. 1-9, 2000.
- WHITE Jr. Thomas; COLLAR, Nigel; MOORHOUSE, Ron; SANZ, Virginia; STOLEN, Eric; BRIGHTSMITH, Donald. Psittacine reintroductions: common denominators of success. *Biological Conservation*, v. 148, p. 106-115, 2012.

YAMASHITA, Carlos. Field Observations in Brazil on the Biology and Comments on the conservation of the Golden Conure (*Guaruba guarouba*). *International Aviculturists Society (IAS)*, Florida, p. 38-41, 2003.

SUBMETIDO EM: 10/07/2019

APROVADO EM: 22/04/2021